



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA

GILMARA CRISTIANE DE GÓIS RAMOS

ESCOLAS HELENÍSTICAS E MODO DE VIDA EPICURISTA

CAMPINA GRANDE-PB

2017

GILAMRA CRISTIANE DE GÓIS RAMOS

ESCOLAS HELENÍSTICAS E MODO DE VIDA EPICURISTA

Trabalho de Conclusão de Curso Monografia Científica- apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB- como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

CAMPINA GRANDE-PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R175e Ramos, Gilmara Cristiane de Góis
Escolas Helenísticas e modo de vida epicurista Campina Grande - PB 2017 [manuscrito] / Gilmara Cristiane de Góis Ramos. - 2017.
32 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Prof. Dr. Nilton Conserva, Departamento de Departamento de filosofia".

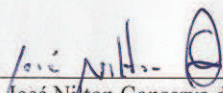
1. História da filosofia 2. Filósofos 3. Helenísticas I. Título.
21. ed. CDD 109

GILMARA CRISTIANE DE GÓIS RAMOS

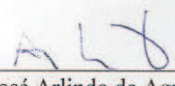
Escolas helenísticas e modo de vida epicurista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

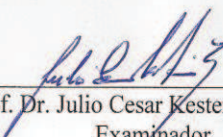
Aprovado em 01/08/2017.



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Orientador



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Examinador

Dedico este trabalho ao meu pai Genival Ramos da Silva, meu pai (In Memoriam) que foi o meu maior exemplo em vida e me possibilitou a oportunidade de estar no mundo, e aprender a crescer pelas experiências que a vida me oferece diariamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que é a inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas, que me possibilitou a oportunidade de cursar a Licenciatura em Filosofia, que pelo meu esforço e dedicação estão me tornando graduada.

Agradeço aos meus familiares pela compreensão e incentivo nesta minha caminhada acadêmica.

Agradeço a todos os meus professores do meu curso de Licenciatura da UEPB, que ao longo dos últimos anos foram grandes colaboradores na construção dos meus conhecimentos acerca da Filosofia, e sua utilidade para a vida daqueles que se dedicam a investigar o pensamento humano em seus múltiplos segmentos.

Agradeço com especial atenção o meu orientador o Professor Doutor Nilton Conserva, pois, o mesmo foi peça fundamental na lapidação e conclusão desta Monografia. Que resultará no meu Diploma de nível superior em Filosofia.

Agradeço enfim, ao apoio e incentivo de muitos amigos, amigas e colegas de curso, de longa data que colaboraram com minha pessoa, com seus préstimos, estímulos e sobre tudo com encorajamento em momentos de dificuldades e por todas estas pessoas citadas ou não fica minha gratidão, respeito e admiração.

ESCOLAS HELENÍSTICAS E MODO DE VIDA EPICURISTA

Gilmara Cristiane Góis Ramos¹

RESUMO

A monografia apresenta uma contextualização do período helenístico (fim do século IV a.C ao fim do século I a.C), como uma etapa decisiva na história da Filosofia, e as razões pelas quais, por conseguinte, influencia o pensamento ocidental até os dias de hoje. Nessa etapa decisiva da história ocidental surgiram e atuaram escolas filosóficas importantes que deixaram no pensamento a marca das suas doutrinas: epicurismo (jardim), estoicismo (Pórtico), Academia de Platão, o Liceu de Aristóteles, cinismo e ceticismo. Todas elas assumem e ensinam doutrinas com pontos em comuns, mas com divergências acentuadas em relação ao modo de vida e a função da filosofia. Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles continuam a exercer influência nas escolas que fundaram e nas doutrinas que formularam, mas surgem outros pensadores igualmente influentes como Epicuro, Pirro, Zenão, Diógenes, Lucrecio, que marcaram decisivamente suas escolas. Assim, esses autores se destacaram por formularem doutrinas originais e estimularem formas de vida muito peculiares, angariando muitos discípulos. Nesse contexto do helenismo o epicurismo se destaca, pois sua doutrina e estilo de vida a ele associado continua a exercer atração sobre as pessoas e desafia a nossa compreensão. Defende uma representação da filosofia como uma prática geradora de saúde, conduzindo à felicidade e paz de espírito. Os ensinamentos de Epicuro que ecoam de seu jardim até os dias contemporâneos são aqui analisados.

PALAVRAS- CHAVE: Filosofia, Helenismo e Epicurismo.

¹ Graduanda em Licenciatura em Filosofia - UEPB

ABSTRACT

The monograph presents a contextualization of the Hellenistic period (late 4th century BC to the end of the first century BC) as a decisive step in the history of philosophy, and the reasons why, consequently, influences Western thinking to the present day. At this decisive stage of Western history important philosophical schools have emerged and have left in thought the mark of their doctrines: epicurean (garden), Stoicism (Portico), Plato's Academy, Aristotle's Lycée, cynicism and skepticism. They all assume and teach doctrines with points in common, but with marked divergences in relation to the way of life and the function of philosophy. Philosophers like Socrates, Plato, and Aristotle continue to exert influence in the schools they founded and in the doctrines they formulated, but other equally influential thinkers such as Epicurus, Pyrrhus, Zeno, Diogenes, and Lucretius, decisively marked their schools. Thus, these authors stood out for formulating original doctrines and stimulating very peculiar ways of life, raising many disciples. In this context of Hellenism Epicureanism stands out, for its doctrine and lifestyle associated with it continues to draw attraction upon people and challenge our understanding. It advocates a representation of philosophy as a health-generating practice, leading to happiness and peace of mind. The teachings of Epicurus echoing from his garden to the present day are analyzed here.

KEY WORDS: philosophy, Hellenism and Epicurism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O HELENISMO E SUAS ESCOLAS.....	10
2.1 - O epicurismo	11
2.2- O estoicismo.....	13
2.3- A Academia platônica	15
2.4- O Liceu aristotélico	17
2.5- Escolas secundárias: Cinismo e Ceticismo	19
3. EPICURISMO: DOCTRINA E MODO DE VIDA	22
3.1 - O conhecimento: canônica, fisiologia e ética.....	22
3.2- A vivência ética no jardim	23
3.3- Hedoné - a busca do prazer e a felicidade.....	24
4 CONCLUSÃO.....	30
5 REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

A filosofia antiga, mais precisamente a grega, desenvolveu-se amplamente em várias escolas e consagrou diversos filósofos como mestres de sabedoria, podem-se citar correntes muito influentes tais como o Epicurismo, objeto de estudo desse presente artigo, outras correntes como o Estoicismo, Sofismo, Pitagorismo, Academia de Platão, os Cínicos, o Liceu de Aristóteles. Essas escolas propunham a prática da Filosofia como um meio de vida e como caminho de se adquirir a sabedoria. Os seus principais representantes eram considerados homens sábios e alguns até deificados pelos seus discípulos. Porém, o florescimento filosófico que está associado a nossa pesquisa deu-se no chamado período helenístico, que se estendeu do século IV a.C. marcado pelo domínio do macedônico, Alexandre o Grande, passando pelo jugo opressor romano e até o fim do século I a.C. Nessa fase houve um intercâmbio cultural e comercial entre os povos do Ocidente e Oriente, resultando em ampliação de conhecimentos científicos e filosóficos bem como a difusão do pensamento epicurista por muitos dos seus discípulos, especialmente do poeta romano Lucrécio e também de outros pensadores.

A figura que é a mola mestra desse estudo é o filósofo Epicuro (341-270 a. C.), nascido na ilha grega de Samos, localizada na Ásia Menor, era filho de uma família ateniense emigrada, portanto, cidadão de Atenas, que era uma cidade cosmopolita e efervescente do ponto de vista político e centro de convergência de estudiosos. Ele fixou-se em Atenas com 35 anos de idade estudando na Academia e no Liceu, ou seja, teve como base de sua formação postulados platônicos e aristotélicos. Com recursos próprios adquiriu uma casa com um belo jardim, no intuito de ser sua escola, que ficaria conhecida como O Jardim, e os seus discípulos como os “filósofos do jardim”, para ele seria um local de reunião de amigos, visto que o mesmo valorizava a amizade e um espaço agradável, onde se praticaria uma educação que visava eliminar a superstição, o medo da morte, uma vida anônima e o não envolvimento na política.

Um dos pilares centrais dessa doutrina antiga é o Hedonismo- do grego (Hedoné) “prazer”, mas o prazer em questão para Epicuro não é o prazer sensorial, que possa ser satisfeito com os instintos libidinosos. O prazer para ele é o prazer do sábio que envolve o exercício da quietude da mente e imperturbabilidade da alma (ataraxia), na qual eram ensinados diferentes exercícios para alcança-los em uma conseqüente opção de vida. O controle da mente, das emoções eram setas que apontavam para um prazer mais importante à

paz interior. A sua ética era voltada pela busca do prazer, livre de perturbações e dor. Há informações que sua produção escrita chegou em torno de trezentas obras, das quais restaram apenas três muito conhecidas nos meios acadêmicos. Carta a Meneceu- que versa sobre a conduta humana com o objetivo de alcançar a saúde do espírito, a Carta a Heródoto, tratando da Física atômica e a Carta a Pítocles, a propósito dos fenômenos celestes.

Nesse trabalho serão apresentados elementos de sua doutrina, mais especificamente sobre a ética, a felicidade (eudaimonia), na ótica dos epicuristas, os que eles achavam imprescindível para uma vida feliz. Traçaremos paralelos com outras correntes filosóficas do seu tempo. Epicuro pode ser considerado um materialista, porque não acreditava na vida após a morte, em influências dos muitos deuses do panteão grego, pois o politeísmo e o paganismo eram muito difundidos, e outro motivo é que ele foi adepto ao atomismo (doutrina dos átomos- -partículas indivisíveis da natureza), tendo como criadores dessa teoria Leucipo e Demócrito, os atomistas.

O hedonismo é compreendido, hoje, na acepção da busca desenfreada do prazer mundano e não tem relação com seu conceito original. O Epicurismo teve muitos adeptos e essa doutrina possui muitos elementos que são interessantes. Essa escola tem um perfil dogmático, onde as lições que incluem discussões técnicas e teóricas e apresentação de resumos para os iniciantes. O principal legado foi nos apresentar uma ética inovadora para os modelos da época, que nos orienta a cuidar de nossa vida, construir amizades e viver felizes, suportando a dor, o medo e o sofrimento, de acordo com “Carta a Meneceu”. Os princípios contidos nessa introdução serão expostos e reforçados com elementos textuais do autor, seus discípulos e especialmente comentários do grande pensador francês especialista no helenismo - Pierre Hadot.

2 O HELENISMO E SUAS ESCOLAS

O contexto histórico e político do helenismo são marcados pela perda da autonomia política da Grécia sob o jugo macedônio e posteriormente o domínio romano, maior império da antiguidade com perfil belicoso e dominador. A Grécia torna-se então um organismo político composto por uma mistura de povos gregos e orientais. Nesse contexto de submissão política e diversidade étnica, a filosofia grega se configura cada vez mais em escolas com doutrinas específicas e traços comuns. Apresentaremos as principais escolas desse período marcante, de modo a melhor compreendermos as particularidades da doutrina e do estilo de vida preconizado pelo epicurismo. Pode-se afirmar que no helenismo, mas também na filosofia antiga de modo mais amplo, a filosofia nunca estava desligada de uma vivência concreta.

Nunca houve filosofia nem filósofos fora de um grupo, de uma comunidade, em uma palavra, fora de uma “escola” filosófica; e, precisamente, uma escola filosófica corresponde, nesse caso e antes de tudo, a uma maneira de viver, a uma escolha de vida, a uma opção existencial, que exige do indivíduo uma mudança total de vida, uma conversão de todo o ser, e, finalmente, a um desejo de ser e de viver de uma certa maneira. Essa opção existencial implica, por seu turno, certa visão de mundo, e será tarefa do discurso filosófico revelar e justificar racionalmente tanto essa opção existencial como essa representação do mundo. (HADOT, 2004, p. 17)

Tal representação do pensamento antigo torna-se importante para se distinguir do modo como modernamente se define uma escola filosófica. Como uma opção teórica que classifica os pensadores em função dos temas, métodos e procedimentos analíticos utilizados na elaboração do seu pensamento. No helenismo uma escola se organiza como uma comunidade adepta de um determinado estilo de vida que se apresenta como crítica em relação a outros modos de se viver, dessa forma “o discurso filosófico tem sua origem, portanto, em uma escolha de vida e em uma opção existencial, e não o contrário” (HADOT, 2004, p. 18). Assim, qualquer abordagem do pensamento corrente no helenismo, implica em uma apresentação das escolas atuantes nesse período. Inicialmente faremos uma apresentação de modo breve dos aspectos centrais das doutrinas e modos de vida associados a essas escolas, para construirmos uma visão panorâmica do pensamento helenista, na sequência faremos uma análise mais demorada da doutrina epicurista a partir da doutrina desenvolvida na *Carta a Meneceu*, cujo tema central é a vida feliz.

2.1 - O epicurismo

O Epicurismo é o nome que se dá ao conjunto doutrinário do pensamento, obras e ensinamentos do sábio grego Epicuro (341-270 a.C). Viver no período helenístico significa ser marcado pelo desenvolvimento de escolas filosóficas, ampliação de novos horizontes e aproximação das culturas do Ocidente e Oriente. A doutrina epicurista foi inovadora porque trouxe elementos novos e uma proposta de vida que buscava o alcance da felicidade através de uma vida que valorizava o prazer, o hedonismo (*hedoné*), não no sentido de satisfação de prazeres sensoriais, mundanos. O prazer aqui é o racional, moderado e proporcionador de equilíbrio que implica o autodomínio, controle das emoções, a paz de espírito e a imperturbabilidade da alma (*ataraxia*). Epicuro radicou-se em Atenas, cidade cosmopolita e cultural aos 35 anos de idade. Adquiriu uma casa com um jardim, no intuito de viver em comunidade com seus discípulos desfrutando de boas companhias e amizades, surgindo assim sua escola. Os epicuristas eram conhecidos entre seus patrícios como os *filósofos do jardim*.

Epicuro escreveu por volta de trezentas obras. Porém no transcurso dos séculos chegaram até nós as seguintes produções filosóficas: a famosa Carta da Felicidade, que Epicuro redigiu e enviou ao seu discípulo Meneceu; uma carta para Heródoto, pai da História e Geografia tratando da física atômica, pois o mesmo era adepto do atomismo de Leucipo de Demócrito; outra obra importante foi “Da natureza”, escrito por um discípulo seu do século I da Era Cristã, o poeta Lucrécio.

A sua doutrina está estruturada nos seguintes postulados. A *ataraxia* (paz de espírito ou imperturbabilidade da alma) sendo o objetivo moral de Epicuro. O conceito de *ataraxia* é equivalente a medicina ou cura da alma. Esse cuidado com a saúde da alma era um ponto em comum em todas as escolas helenísticas. De acordo com esse filósofo para que possamos aproveitar os grandes prazeres do intelecto, precisamos dominar os prazeres exagerados (paixões, apegos, cobiças e invejas). Por isso, os epicuristas buscavam a *ataraxia*, ou seja, o estado de serenidade, quietude, ausência da dor e imperturbabilidade da alma. Pois o autêntico prazer para eles não estava desassociado da tranquilidade da alma e realização plena da autossuficiência. A filosofia é entendida aqui nesse contexto como caminho para a cura e libertação do indivíduo culminando numa vida feliz. Convém ressaltar que o epicurismo é um modo de vida, uma maneira pragmática de viver em consonância com essas orientações e teorias.

Outro ponto do epicurismo é o não temor da morte. Para Epicuro, não há porque temerla, pois, a mesma nada significa, ele afirmava que ela inexistia para os vivos e os mortos não estão entre nós para explicá-la. Em nossa cultura ocidental judaico-cristã somos ensinados a lidar com a nossa própria morte de outra maneira: passagem para uma vida eterna. A maioria das pessoas acha que é um dos maiores males. Não se sabe ao certo sobre a experiência de morrer. Epicuro apontava o medo da morte como um fator que causa angústia e infelicidade, Porém deve-se pensar que [...] “A consciência clara que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo da imortalidade”. (EPICURO, 2002, p. 27). Nessa perspectiva a atitude mais sensata a se tomar é se acostumar com a ideia da morte, pois todo bem e todo mal residem nas sensações. Nessa linha de raciocínio percebe-se que a possibilidade da imortalidade da alma é algo descartado e não existente. Reconhece aí uma compreensão materialista do universo e do ser humano. O epicurismo defende uma imagem do mundo e dos seres humanos em que os deuses e a morte deixam de serem realidades ameaçadoras. Aquele que alcançou a *ataraxia* torna-se senhor dos seus atos e não teme a morte porque ela nada mais é que a ausência de sensações.

O Hedonismo na concepção dos epicuristas associa o bem ao prazer, mas não qualquer prazer limitado às sensações, sim o prazer do intelecto ou aquele que racionalmente se conduz. Paz interior, amizade, vida feliz são itens fundamentais para o modo de vida epicurista. Os ideais sobre o hedonismo como meta para uma vida feliz são de autoria de Epicuro. Segundo sua ética os prazeres corporais são as causas de sofrimentos e ansiedade. Os prazeres refinados que levam a uma boa amizade são bons, já os prazeres relacionados a honrarias, poder e riqueza são vetores de sofrimento e instabilidade.

Embora o prazer seja o nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer, há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos os mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. (EPICURO, 1973, p. 37 - 39).

A felicidade na doutrina Epicurista é alcançada por um modelo educacional, isento de fanatismo, superstições, um modo de vida anônimo e sem participação política. Sua filosofia é de uma simplicidade que vincula uma vida feliz ao estudo e prática da filosofia que pode ser iniciada a qualquer tempo e faixa etária.

Que ninguém hesite em se dedicar a filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se a filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. (EPICURO, 1973, p.21-23).

Podemos identificar nesse trecho da doutrina epicurista como o ideal de uma vida feliz deve ser o que norteia a ação dos indivíduos, pois não valerá a pena uma vida que não seja vivida nessa fruição da felicidade. Porém, será necessário um longo aprendizado para que se possa conduzir na vida de modo a tornar possível buscar os valores que realmente importam.

2.2- O estoicismo

O estoicismo foi a escola filosófica, fundada por Zenão de Cítio (334-262), final do século IV a. C, ganhando impulso por volta da metade do século III a. C sob a direção de Crisipo. A palavra estoicismo deriva do grego *stoa*, “pórtico” ou “galeria de colunas”. Trata-se de uma referência ao local onde o primeiro filósofo dessa corrente, Zenão, reunia seus alunos e ministrava suas aulas. Na concepção do estoico, é feliz aquele que vive de acordo com a ordem cósmica, aceitando o destino determinado nessa ordem. O estoicismo foi a corrente de maior influência no período helenístico. Os representantes dessa escola ficaram conhecidos como estoicos. Defendiam o pressuposto que toda realidade existente é uma realidade racional, ou seja, que todos os seres, indivíduos e natureza estão inseridos nessa realidade racional, buscavam compreender essa ordem física ou cósmica.

O primeiro passo é entender a física ou cosmologia estoica. O estoicismo concebe o universo como Kósmos, “universo ordenado e harmonioso”. Composto de um princípio passivo (a matéria) e de um princípio ativo, racional, inteligente, (o chamado logos), que permeia, anima e conecta todas as suas partes (COTRIM, 2010, p. 25).

Esse princípio ativo enunciado acima é que os estoicos chamavam de providência mantenedora de toda a realidade, equivalendo ao que se costuma em outras doutrinas chamar de Deus. Pois para o estoico esse princípio permeia tudo, está entrelaçado no mundo e com a natureza, é um princípio imanente a própria natureza. O oposto do conceito cristão de Deus, que é concebido como transcendente separado e distinto do mundo que cria e ordena.

Tudo o que acontece deve ser bom, pois é animado pelo bem contido nos princípios racionais que governam o universo (a providência). O importante é a ordem do todo, da totalidade do universo, o Kósmos. Isso quer dizer, que para os estoicos, o bem de todo é o melhor o bem individual. (COTRIM, 2010, p. 25).

O discurso filosófico estoico comporta três partes, a física, a lógica e a ética. O discurso que é voltado para a física comporta as seguintes assertivas: nossa escolha de vida e a partir dela a nossa maneira de se portar no mundo. Nesse ponto são observáveis as semelhanças do estoicismo com o Epicurismo: ambos são defensores do materialismo e negam a transcendência divina e a maneira de encarar a filosofia como “arte de viver”. O epicurismo prezava pela busca do prazer como meio de alcançar a felicidade, já o estoicismo desprezava qualquer tipo de prazer, considerado a causa de todos os males.

A física estoica é indispensável a ética, pois ensina ao homem a reconhecer que há coisas que não estão em seu poder, mas dependem de causas exteriores a ele e se encandeiam de maneira necessária e racional. (HADOT, 2004, p.190).

Outro princípio comum às escolas helenísticas era a *ataraxia*. Para os estoicos só é possível alcançá-la eliminando as paixões e conseqüentemente evitando o sofrimento. Pois, para os estoicos os sábios são virtuosos porque vivem de acordo com a natureza e a razão. Nessa perspectiva é a virtude que proporciona a felicidade e desse modo que é possível atingir a *apatia*, isto é, ausência de paixão. Uma característica estoica é o panteísmo, ou seja, tudo está em tudo, os corpos são todos orgânicos, o mundo é um todo orgânico, há um único cosmos e tudo se repete infinitamente.

A teoria estoica do conhecimento afirma que os objetos marcam com seus sinais nossas faculdades sensoriais e que diante disso não podemos duvidar de certas evidências. A teoria moral diz que o que seja bom, ou mau, depende da postura do indivíduo. A única coisa que depende de cada um é a intenção moral. Outra teoria dos estoicos é a dos deveres, que afirma a necessidade de um código de conduta a ser seguido, sendo pragmático e possuir um valor relativo às coisas indiferentes, que são em princípio sem valor. A lógica estoica não é imitada em teorias abstratas, mas aplicada ao dia a dia.

Na doutrina estoica o mundo é considerado um ser vivo, animado pelo sopro vital (*pneuma*), o movimento do *pneuma* é tenso e por isso, o mundo é coeso em suas partes. Esse mesmo *pneuma* é também logos, a razão universal infusa em tudo (*panteísmo*).

Por tudo isso, para os estoicos, a felicidade consiste em viver de acordo com essa ordem universal, permanecendo indiferente aos males, que não passam de aspectos isolados no todo racional. Viver de acordo com a razão significa desviar-se das paixões, que são as perturbações da razão. (ABRÃO, 2004, p. 75).

A doutrina epicurista orientava seu seguidor a isentar-se de participação na vida política, a fim de ter uma vida menos agitada e desfrutar dos bons momentos da vida. Por

outro lado, os estoicos se contrapunham a essa diretriz, pois eles eram induzidos a tomar parte na vida social e política, agindo dessa feita de maneira desinteressada, em prol da comunidade humana, o modo de vida de Epicuro o fazia distanciar-se das agitações sociopolíticas gregas. Apesar das perturbações que afligiram a Grécia (...) não se meteu em assuntos públicos, não desempenhou nenhum papel nas revoluções. (JOYAU, 1973, p. 12).

O estoicismo foi muito difundido no passado e conseguiu muitos adeptos também, com pontos em comuns divergentes de outras escolas. Os seus princípios filosóficos e morais são bem estruturados, bem como os objetivos de viver bem, livre de sofrimentos e praticando as virtudes, como fonte de sabedoria e felicidade. Uma vida participativa em relação à comunidade, por esse motivo explica-se que muitos estoicos se destacaram com líderes políticos.

2.3- A Academia platônica

Outra escola de suma importância foi a Academia de Platão. De Platão (428-437 a.C), o mais importante continuador da obra de Sócrates, dele é o mérito de sistematizar a Filosofia. Existe um adágio filosófico que diz “depois de Platão, tudo é citação”, pelo fato de que a Filosofia depois dele, irá sempre mergulhar em temas que terão por referencial o platonismo, seja para aprofundamento de temas ou refutações. Platão se preocupou muito com a vida em Atenas, e seus contornos políticos, legislativos e morais.

Platão adquire uma propriedade que denominou (*a Academos*) nos arredores de Atenas, e ali por volta de 387 a. C, criou uma escola para estudo e difusão de seus ensinamentos. O sentido do termo acadêmico ou acadêmico nos dias de hoje refere-se às instituições de ensino superior, ou seja, um sentido escolar. Mas a academia de Platão não tinha essa conotação. Era uma espécie de irmandade ou confraria, com certas marcas religiosas. Nessa academia os principais assuntos versavam a respeito de música, matemática, astronomia, além de questões propriamente filosóficas e metafísicas, tais como imortalidade da alma e pluralidade das existências (*reencarnação*).

Uma obra de magna importância foi o *Banquete*, que imortalizava a figura de Sócrates como um filósofo, um homem extremamente sábio que conciliava os seus discursos com seu modo de vida. Essa obra trata dos vínculos entre Sócrates e Eros, o filósofo e o amor. O amor aparecendo aí como sendo desejado pela pessoa que é sábia, bela, e com desejo de fecundidade, isto é, imortalizar-se produzindo. Simplificando o amor pela verdade que é fecundo e criador. A temática da Alma se discorre no livro *A República*, de Platão, as noções

de alma e sua imortalidade, e o que é verdade na concepção deste filósofo, até no livro X, desta obra encontramos estes assuntos.

A alma fecunda só pode fecundar e frutificar por seu comércio com outra alma, na qual serão reconhecidas as qualidades necessárias; e esse comércio pode instituir-se pela palavra viva, pela conversa diária que supõe uma vida comum, organizada em vista de fins espirituais e por um futuro indefinido, e rapidamente uma escola filosófica, tal como Platão concebera a sua, em sua época presente e continuidade da tradição. (HADOT, 2004,p 90).

Além da temática da alma *A República*, versa sobre o bem, a verdade e a sabedoria e o amor ao saber. O texto essencial no livro VII de *A República*- “O mito da caverna”. Segundo essa alegoria, o mundo sensível é como uma caverna. em que os homens encontram-se acorrentados de tal modo que só podem olhar para as paredes escuras. Atrás deles há uma fogueira cuja luz projeta na parede sombras escuras a única realidade, para esses homens. Mas um deles consegue escapar. Fora da caverna a intensa luz do Sol ofuscar-lhe a visão, os olhos. Porém, acostuma-se a claridade e ele vê a verdadeira e bela realidade: o mundo inteligível. Maravilhado não pode deixar de voltar à caverna, a fim de comunicar aos companheiros sua descoberta. Mas eles não o compreendem, riem, depois o matam. Diante do exposto fica claro, o sol como luz suprema que simbolicamente, possibilita o conhecimento e a maneira certa de viver. E boa parte das pessoas prefere ficar limitadas à falta de conhecimentos.

O ideal platônico do que é o bem, a sabedoria, a imortalidade da alma, o mundo das ideias, fez dele um precursor do Cristianismo. Na academia de Platão, alguns pontos merecem ser apontados. O próprio Platão não cobrava dinheiro dos seus alunos, proporcionava princípios de igualdade e discursos. A política era um dos itens principais de seus estudos. Seus pensamentos políticos ainda hoje são muito avançados. Preconizavam sociedades mais justas e igualitárias regidas por uma vida moral e de total amor à verdade.

A escolha de vida platônica idealizava uma vida em uma cidade ideal, governada por homens bons. Ele dizia que “quando os bons não fazem política são governados pelos maus”. Os adeptos dessa escola viviam dedicando-se aos estudos e práticas espirituais.

Dentre os postulados platônicos mais importantes, a moderação era ensinada como um ideal a ser buscado. Por exemplo, ele dizia que não se deve dormir muito, apenas o necessário para a saúde; conservar a calma na infelicidade, sem revolta; libertar-se das paixões e vencer o medo da morte. A nobreza da alma revela-se como o fruto da universalidade do pensamento. Em síntese a ciência em Platão jamais é puramente teórica, ela visa à

transformação do ser, é virtude e afetividade. Os discursos eram os principais instrumentos de sua metodologia de ensino.

2.4- O Liceu aristotélico

De forma clássica e didática se estudam os filósofos e suas filosofias de forma sequenciada, começando tradicionalmente por Sócrates, passando por Platão em seguida Aristóteles, sempre destacando como esse último teve influência decisiva na história da Filosofia. Aristóteles marcou decisivamente os estudos medievais e posteriormente o pensamento ocidental pela forma lógica de se pensar.

Segundo dados históricos e biográficos, Aristóteles nasceu em 384 a. C. na cidade de Estagira, sendo por esse motivo cognominado de O Estagirita, na Calcídica, que se encontra sob dependência da Macedônia, que logo depois seria um grande império e subjogador da Grécia. Aristóteles estudou na Academia de Platão até o ano 366 a. C, onde se tornou um destacado aluno. Concluída essa etapa de sua vida, decide regressar a Atenas, onde fundou sua própria escola, o Liceu, localizado próximo ao templo dedicado a Apolo Liceano, nos arredores de Atenas. O diferencial entre o Liceu aristotélico e Academia platônica é que o primeiro é um local de convergência de estudos das ciências naturais, ao contrário da Academia que dava ênfase a Matemática. No Liceu havia uma divisão dos cursos em duas modalidades. O chamado “exotérico” destinado a um público amplo, e o “esotérico”, ministrado a um círculo mais seletivo de discípulos. É válido frisar que os esoteristas mais proeminentes da antiguidade, são conhecidos por “iniciados”, pois eram conhecedores dos mistérios científicos e metafísicos e, por isso, destacavam-se da massa e sempre eram minoria. Ambas as escolas foram projetadas para exercerem influências por muito tempo, “Pode-se notar na origem da escola de Aristóteles, como na origem da Academia, a mesma vontade de criar uma instituição durável” (HADOT, 2004, p. 120); daí a razão de continuarem atuantes e influentes em pleno período helenista.

Muitas de suas obras se perderam ao longo do tempo. As que sobreviveram até nós, foram as organizadas no século I a.C , por Andrónico de Rodes, sendo o conjunto conhecido por *Corpus Aristotelicum* (corpo da doutrina de Aristóteles); ele versa sobre a concepção do Universo (Cosmogonia), tratados de lógica, psicologia, biologia, éticos-políticos, metafísica, linguagem e estética. Aristóteles divergia em alguns pontos do platonismo, desejando filtrar certos ensinamentos da doutrina de seu mestre e antecessor.

A felicidade é para o Estagirita é o fio condutor para a prática da virtude, e a felicidade filosófica corresponde a um gênero de vida que é dedicado ao espírito- *theoria*. Essa linha de pensamento enfoca a atividade do espírito como algo que depende de cada um. Dizia Aristóteles: “quanto mais se é sábio, mais se pode ser só”. Os seus ensinamentos buscavam uma integração entre a percepção do mundo sensível e o conhecimento científico e filosófico. Essa percepção do mundo sensível mostra as metamorfoses (transformações) contínuas das coisas.

Aristóteles criou as noções de ato (*energia*) e de potência (*dynamis*). O ato é referente ao estado atual do ser, e a potência por outro lado, indica o que este poderá ser e transforma, sem que perca sua essência, deixando de ser o que é. O movimento e as mudanças constituem a maneira que essas potências vão se atualizando, passando da potência ao ato. Essa passagem não é casual, mas resultante de uma causa, seja ela material ou espiritual. Tendo em vista a metafísica com parte de seus postulados essas ideias são coerentes e coesas entre si.

O aristotelismo preconiza que tudo tem uma causa, que deu início ao ciclo eterno; potência- ato- potência. Aristóteles refere-se a Deus, como uma forma separada ou transcendente que não interfere no curso dos acontecimentos. O conceito de Deus no aristotelismo é diferente do Cristianismo, pois ele afirmava que o mundo se move pela atração e essa atração é o amor que é um motor imóvel. Seu deus, porém não ama o mundo como no cristianismo.

Aristóteles conserva uma única ideia ou forma separada (ou transcendente), sob nome de “deus”. Essa separação é radical: o deus de Aristóteles não cria o mundo nem interfere no seu curso, como o Demiurgo de Platão, pois criar e interferir implicaria movimento. (ABRÃO, 2004, p.58)

Para Aristóteles a filosofia consiste num modo de vida “teorético” e que opõe-se ao prático, como o que é abstrato, especulativo, em relação ao que tem ação e é concreto. Nesse ponto a filosofia teorética é ao mesmo tempo, uma ética, consistindo em escolher como fim o conhecimento por ele mesmo, é uma ética desinteressada e de objetividade. O filósofo por sua parte escolherá uma vida consagrada à investigação desinteressada, a prática do estudo e contemplação da vida e da natureza. A Filosofia tanto para Aristóteles quanto para Platão, deve ser a um só tempo um modo de se viver e um modo de discurso. Muitos outros aspectos do conhecimento foram tratados em seus escritos, tais como a classificação do mundo em supralunar e sublunar, o princípio de não contradição, a importância do silogismo, a política e a poética. A filosofia antiga oferece amplos horizontes de pesquisas e estudos em várias áreas

do pensamento filosófico. Essas quatro escolas estudadas até o momento são as mais importantes, as outras em caráter secundário tem bastantes informações e outros representantes muito hábeis nos discursos.

2.5- Escolas secundárias: Cinismo e Ceticismo

Ao lado dessas quatro escolas supracitadas, houve outras de menor importância, mas com Filosofias que vieram a acrescentar muito para o pensamento filosófico. Quanto ao cinismo provavelmente foi criado pelo discípulo de Sócrates, Antístenes, mas a figura de mais destaque desse referido movimento foi Diógenes. Essa escola não se consolidou em caráter institucional, mas se manteve ativa até o final da Antiguidade.

O modo de vida do cínico era pautado nas investigações científicas. O cínico à maneira dos epicuristas levava uma vida simples e discreta. Os cínicos são radicais, o que eles rejeitam são consideradas regras por outros homens, com atitudes impudicas que nos podem chocar. Não se preocupam com bens materiais. Há um questionamento sobre o cinismo: se ele pode ser considerado uma escola filosófica com doutrina articulada ou um modo de vida com certa coerência. Pois os representantes mais ilustres desse movimento: Diógenes, Crates e Hipárquia, não deram caráter escolar, mesmo que isso fique perceptível ao nosso entendimento.

É mais comum o cinismo ser classificado de forma mais simples como uma filosofia. Os discursos filosóficos tão comuns eram reduzidos ao mínimo. O viver de forma cínica é uma escolha de vida que tem a liberdade, ou independência (*auterkia*) de necessidades supérfluas, tais como o luxo, a vaidade, como principal diretriz. O diálogo entre mestre e discípulo é o recurso metodológico adotado. Os conceitos cínicos mais conhecidos são a escolha de vida (*ascese*), independência (*autarquia*), a simplicidade ou ausência de vaidade (*atyphia*), a adaptação às circunstâncias, a impassibilidade e a o estudo dos estados da natureza (*physis*) que se compara ao comportamento dos animais e crianças, que se comportam com indiferença às convenções humanas.

A forma de vida dos cínicos é algo comparável ao atletismo, no que diz respeito a se buscar superar os limites físicos, pois devem aprender a resistir à fome, a sede, as circunstâncias adversas da vida e o cultivo da força interior, todos os movimentos imprescindíveis para se alcançar a tranquilidade da alma (*ataraxia*). Os cínicos acreditavam que o conhecimento do todo é impossível. Antístenes asseverava que todo conhecimento é duvidoso, pois busca ideias gerais, quando apenas existem coisas singulares. Para ele o

melhor a ser feito é o afastamento do convívio social, e ter uma vida voltada à natureza. Na concepção cínica viver desse modo é uma alternativa inteligente e sábia. Um caminho pra ser mais livre e viver uma vida feliz. Essa doutrina antiga tem muitos elementos comuns com o Ceticismo.

Etimologicamente o verbete *ceticismo* vem do grego, e significa “olhar cuidadosamente”. Nos dias atuais é considerado cético, alguém com dificuldades em acreditar em certas coisas. Tudo indica que o Ceticismo seja de autoria de Pirro de Élide (360- 270 a. C) contemporâneo de Diógenes e Alexandre, o grande da Macedônia. Acompanhando esse líder, Pirro encontrou-se com sábios indianos “sadhús”. Era uma característica de certos mestres do passado não escrever nada, seus ensinamentos foram compilados mais tarde por dois discípulos, Tímon (320-335 a. C), tempos mais tarde por Sexto Empírico (séculos II e III d. C), na obra *Hipotiposis Pirronicas*. A questão de ser cuidadoso no que diz respeito às teorias, significa não aceitá-las imediatamente, mas submeter tais proposições ao crivo da razão lógica para depois acatá-las ou refutá-las.

A doutrina cética enuncia que a verdade das coisas não é acessível, já que delas só se podem aprender aparências que são sempre mutáveis. Devem-se suspender os juízos de valores sobre todas as coisas e calar-se (*afasia*). Mas o cético não fica o tempo todo submerso em afasia. Ele fala, porque é um ser comunicante e pensante, sabe que a linguagem e a verbalização de suas opiniões são úteis. Segundo Pirro, é impossível tomar alguma decisão sobre a verdade ou a falsidade, convém não se deixar dominar por tais preocupações e manter a alma no estado de *ataraxia*.

A forma como Pirro se comporta pode ser sintetizada numa palavra: indiferença, pois ele vivia indiferente às coisas e conseguia permanecer nesse estado; evitava experimentar sensações, emoções e influências de coisas exteriores, como por exemplo, não dar importância se está nesse ou naquele lugar, encontrar essa ou aquela pessoa. Os juízos que os homens atribuem a essa ou aquela coisa estão atrelados ao juízo de valores fundamentados nas convenções sociais que às vezes prendem as pessoas ao culto da vaidade, exibicionismo e exaltação do ego.

A meditação era uma prática espiritual praticada por Pirro e seus discípulos, também buscavam se isolar para haurir reflexões sobre a vida em suas múltiplas facetas. Os céticos soliloquiavam (conversavam em voz alta com eles próprios). Perguntavam a Pirro porque ele agia assim. Ele respondia “me exercito para ser um homem bom”. Fílon de Atenas o descrevia assim: “foge dos homens, não se preocupa com vanglória nem discussões acirradas”. A filosofia cínica é uma filosofia prática que anelava a uma vida de sobriedade respaldada em

exercícios de transformação. O despojamento de vaidades, a indiferença ao modo de vida da maioria das pessoas e o ceticismo ou questionamento das verdades é o resumo da filosofia cética.

Todas essas escolas apresentadas como se pode observar, se constituíram como doutrinas e como forma de vida. Algumas delas apresentam sua base doutrinária mais desenvolvida com princípios e objetivos bem articulados. Outras não desenvolveram de modo extensivo seus ensinamentos, mas de qualquer forma elegeram princípios fundamentais que possibilitavam articular um modo de vida. O helenismo traz como marca fundamental essa articulação entre doutrina e estilo de vida, muitas vezes vivenciadas de modo comunitário, em escolar que agrupavam um mestre e seus discípulos, reunidos para buscar uma articulação equilibrada entre reflexão racional e desfrutes de prazeres essenciais a uma vida feliz. Os epicuristas vivenciaram esse modo de vida com muita intensidade, e o seu testemunho repercute até os nossos dias. No próximo capítulo iremos apresentar de modo mais completo os elementos centrais da doutrina e do estilo de vida que animou a escola epicurista.

3. EPICURISMO: DOCTRINA E MODO DE VIDA

A *Carta sobre a Felicidade* é um texto sucinto e bastante claro e objetivo, da lavra de Epicuro, ele enviou-o a um de seus discípulos, conhecido por Meneceu. A carta apresenta teorias que servem de roteiro para uma conscientização e modo de vida feliz. Nela Epicuro demonstra pontos de vista e argumentos que abalizam a sua forma de pensar. É um documento valioso, porque permite afastar a doutrina epicurista da deturpação que ela sofreu, quando de forma equivocada ela foi confundida como uma doutrina sensualista e pautada nos prazeres mundanos, de forma não comedida. Nessa carta fica explicitado que o *hedonismo* se reporta aos prazeres da alma, levando em conta a ausência de espírito e paz interior.

A *Carta da Felicidade* começa orientando a Meneceu sobre o exercício da Filosofia, que faz o homem feliz e justo, sendo, portanto praticada em qualquer faixa etária, preferivelmente da juventude até a velhice. Na velhice ela é algo que rejuvenesce o espírito e cura a alma. A cura da alma no epicurismo está metaforizada no *Tetrafarmaco* (remédio quadruplo) que são eles: despreocupação com os deuses (eles são neutros, não trazem nada de bom ou ruim), perda do medo da morte (que configura o fim das sensações), não há mal que dure para sempre (as mudanças são uma constante) e a educação dos sentidos. Exorta-se ainda que os cuidados com as coisas que nos fazem felizes devem ser aspectos prioritários. Para isso, ele diz a Meneceu que cultive os seus ensinamentos como fundamentais para uma vida feliz. A doutrina apresentada a seguir é derivada dos ensinamentos presentes na obra de Epicuro, mas que são sintetizados de forma magistral nessa sua famosa carta.

3.1 - O conhecimento: canônica, fisiologia e ética

Na concepção epicurista o conhecimento em sua natureza é tripartido, assumindo essas três dimensões: a canônica, a fisiologia e a ética. A canônica é necessária, pois ela está atrelada aos valores morais e os serviços que são prestados a essa moral. A canônica está fundamentada em cada pessoa, na certeza que todo mundo tem em relação a alguma coisa. A canônica é uma parte da física, porque a física liberta as pessoas dos preconceitos e medos que obstaculizam a felicidade, esses entraves devem ser eliminados, assim a felicidade se fará presente. “É evidente, entretanto, que o conhecimento físico não é verdadeiro porque tranquiliza a alma, mas, ao contrário, tranquiliza a alma porque é verdadeiro” (MORAES, 1998, p. 152).

A fisiologia para Epicuro tem a função de dar sentido a ética, funcionando como um estudo do ser ou seres (*ontologia*), uma visão global da totalidade e em seus princípios últimos. Nessa perspectiva se destaca a teoria dos átomos (*atomismo*) dos filósofos Leucipo e Demócrito, teoria incorporada ao epicurismo. Esses sendo invisíveis e imutáveis. Essa fisiologia preconizava que os elementos que compõe o universo e suas múltiplas combinações permanecem sempre em atuação, dado o universo ser infinito e a possibilidade de concretização e manifestação de muitas coisas. Ele afirmava que a alma é um aglomerado de átomos e que pela morte eles se dissipam algo muito semelhante ao que enuncia a Lei de Entropia, da Física.

A ética é tratada nas cartas que chegaram até nós, presente também nas *Máximas Capitais*. Os temas centrais de sua ética são a *ataraxia* (imperturbabilidade da alma), ausência de medo diante da morte, correta compreensão dos nossos desejos. A ética contida na *Carta a Meneceu* tem como premissa indicar a conduta de vida que leve a felicidade. A doutrina de Epicuro é muito rica e inovadora em muitos pontos. Ela perdurou com adeptos até o início da era cristã, tendo o poeta romano Lucrécio como um resgatador desses postulados que ficaram perdidos. Durante a Idade Média o Cristianismo absorveu a filosofia helenística de muitas escolas, adaptando muitos exercícios espirituais. Muitos desses ensinamentos são aplicáveis ao nosso dia-a-dia, outros postulados foram retificados, como por exemplo, já se sabe que o átomo não é indivisível. Muitos filósofos medievais e modernos baseados nas filosofias da antiguidade criaram novos conceitos e se aprofundaram em outros novos paradigmas. Como já foi frisado anteriormente, o epicurismo está sendo mais estudado nas últimas décadas.

3.2- A vivência ética no jardim

A ética é um ramo da filosofia que se dedica aos problemas do homem, nessa perspectiva ontológica os grandes dilemas e indagações da vida humana são abordados, tais como a morte, a angústia, o medo, a solidão, as fraquezas e os acontecimentos sociais e naturais. A ética faz uso da reflexão visando descortinar as possibilidades de compreensão das nossas ações e respostas para os nossos dilemas morais. O epicurismo como doutrina filosófica articula um pensamento ético, pois procura fundamentar valores para orientar um determinado estilo de vida. A ética epicurista é voltada para o ordenamento do uso dos prazeres (*hedoné*); porém, esse hedonismo é compreendido como moderação no uso dos prazeres, sobretudo daqueles que são do espírito. Portanto, bem diferente da concepção

moderna, cujo hedonismo se identifica como busca desenfreada e imoderada dos prazeres, excesso de voluptuosidade.

Na *Carta sobre a Felicidade*, que Epicuro envia a seu pupilo Meneceu, ele desenvolve sua moral sinalizando que o ser humano deve orientar a sua à busca da felicidade. Nesse contexto existencial, a dedicação à Filosofia é tomada como a escolha mais eficaz para ajudar na realização desse intento. O cuidado com a busca por uma vida feliz exige do seguidor dessa doutrina a vivência de uma vida comunitária alicerçada na amizade. O jardim, espaço no qual procuraram realizar uma comunidade fraterna, testemunha a valorização que os epicuristas atribuíam às relações amistosas.

Outro aspecto da ética epicurista eram os ensinamentos com o intuito de evitar e suportar a dor. A moral da carta que foi dirigida a Meneceu procura fundamentar valores que sejam um suporte para se buscar à felicidade e, ao mesmo tempo, afastar o sofrimento e medo da morte que sempre nos circundam. A felicidade é um desejo comum a todas as pessoas, porém, o sofrimento e a dor são inevitáveis como parte inerente à esta condição humana sujeita às limitações biológicas, antropológicas, sociológicas. Os mais diferentes fatores limitam ou impedem a vivência da felicidade. Daí ser fundamental aprender a lidar com essas limitações, já que não vale apenas viver sendo constantemente assombrado por temores, pois a felicidade tem três pressupostos essenciais que são: a prudência, a beleza e a justiça “Não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade”. (EPICURO, 1973, p. 45).

Vale salientar que estudar a ética epicurista é fundamental, porque ela trouxe o pioneirismo e a inovação, se confrontarmos com outros parâmetros éticos da antiguidade. Outra coisa interessante para se assinalar é saber que houve uma retomada dos estudos epicuristas nesses últimos trinta anos, dando impulso a reflexão sobre a importância de uma vivência feliz. O resgate da ética apresentada na *Carta a Meneceu* discorre justamente sobre a conduta humana, porém com o objetivo de se alcançar “a saúde do espírito”, a *ataraxia* e, por conseguinte a felicidade e prazer, dois elementos-chaves da ética epicurista. Desta feita se vive melhor em paz, sempre com equilíbrio e moderação.

3.3- Hedoné - a busca do prazer e a felicidade

De forma objetiva para os epicuristas a felicidade é prazer (*hedoné*), basicamente a satisfação dos desejos físicos ou da alma. Por outro lado, com o prazer do momento pode advir o desprazer ou a dor. A maneira mais sábia de lidar com os prazeres consiste em

assumir uma atitude de comedimento ou parcimônia. O prazer do repouso é equilibrador das partes do organismo. É válido lembrar o papel da educação epicurista, uma educação voltada para a felicidade, onde os meios de atingi-la eram a pauta de suas preleções e diálogos com discípulos, e nesse contexto a principal ferramenta era a Filosofia. A felicidade é alcançada com a diminuição das dores e a fruição moderada dos prazeres, no caso os prazeres da alma, não os sensoriais. O uso descomedido dos prazeres é uma deturpação do conceito de hedonismo.

Embora o prazer seja o nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: Há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportamos essas dores por muito tempo. (EPICURO, 1973. p.37-39).

A felicidade é uma realidade inerente à condição humana, é uma necessidade, as escolas helenistas são unânimes em um ponto em comum, que assevera a *ataraxia*, sendo pressuposto básico para ser feliz. A falta de paz é oriunda de atitudes descompassadas de nossos atos irrefletidos que geram transtornos de variados matizes. A vida feliz está associada aos prazeres, pois se sofre quando eles estão ausentes. O prazer é prioritário na vida de qualquer pessoa, assim arremata a lógica epicurista.

Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos [...] Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com os critérios de benefícios e dos danos. (EPICURO, 2002, p. 39)

O prazer é uma necessidade humana que existe desde os primórdios do surgimento da espécie, fazendo parte natural do nosso processo evolutivo. Na ética epicurista a busca do prazer é diretamente associada à possibilidade de uma vida feliz. Porém, como seres livres que somos, o uso dos prazeres fica na dependência do nosso livre arbítrio que pode recusar ou não. Os desejos naturais de se alimentar, beber e comer nos dão prazer quando são saciados. Nesse sentido o desejo é um princípio propulsor, fazendo parte da manutenção vital. Temos também a necessidade de um bem-estar do nosso espírito, daí ser importante buscar um equilíbrio, pois posso ter todos os meus desejos saciados, mas não ter alcançado a paz de espírito. É preciso, pois entender que em todas as nossas ações “(...) o fim último é o prazer, (...) que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma”. (EPICURO, 1973, p. 43).

Nada que possa ser associado a uma busca desenfreada por prazeres sensíveis e momentâneos que posteriormente ocasionem uma perturbação espiritual.

Nos escritos de Epicuro o prazer tem primazia em suas análises e considerações, porém o prazer moderado é o modelo ideal a ser seguido, os excessos são sempre prejudiciais. Os prazeres existem para serem aproveitados com intensidade, o decisivo é a qualidade, a quantidade não importa. As situações ou objetos, por exemplo, não precisam custar altas somas de dinheiro para proporcionar prazer. O controle das necessidades e a consequente paz do corpo e do espírito é o verdadeiro prazer.

O prazer em Epicuro se distingue em duas categorias. O prazer em movimento e os prazeres em repouso, ambos encontrados no estado de ataraxia, sendo assim plenificados. O prazer que implica em movimento (dinâmico) é aquele suplantador do sofrimento eliminando certos aspectos, tais como saciar a fome, a sede e o sono, movimentos que suprimem uma carência ao mesmo tempo em que nos dão sensações de alívio e prazer. O prazer que envolve o repouso é calmo, é aquele que experimentamos quando temos a vida é conduzida com tranquilidade, sem perturbações exteriores que possam atrapalhar o equilíbrio interior, a paz do espírito.

A escolha dos prazeres deve ser guiada pela razão, pois deles poderão surgir consequências agradáveis ou não. Mesmo os prazeres considerados bons podem trazer sofrimentos se forem exagerados. O prazer do espírito é para Epicuro o verdadeiro prazer, e a ausência de dor no corpo (*aponía*) e a imperturbabilidade da alma (*ataraxia*). Nessa lógica fica claro que a sensação de bem-estar física e espiritual faz parte de escolhas particulares de cada um. Essa *hedoné* implica um aprendizado que implica os diferentes significados que o termo pode assumir: a parte física (sensorial), depois a espiritual (mais interna) e também a contemplação da divindade. Lembrando que no grego de Epicuro, *hedoné* pode significar *makariótes* (bem-aventuranças), dos deuses e dos homens. Esse prazer é uma regra moral de conduta, não teórica mais aplicável ao dia-a-dia.

3.4 - Medo da morte e vida política

O local de socialização, cultivo da amizade e estudos da doutrina epicurista era a sua famosa escola com um magnífico jardim, que em grego denomina-se (*Képos*), nos arredores da cidade de Atenas. Os epicuristas eram conhecidos na Grécia helenística como os filósofos do jardim. O jardim servia de refúgio contra a balbúrdia e tumulto da vida pública e agitada.

O jardim era também um ambiente de concentração, meditação e contemplação da natureza, favorecendo desta feita o estado de *ataraxia* já esmiunçado anteriormente.

Os postulados de Epicuro que eram transmitidos nesse ambiente afirmava que a vida prática deve ser nossa principal preocupação, a filosofia nesse contexto não deve ser entendida como uma ciência, mas aqui ele enfatiza como uma regra de conduta ou procedimento. Epicuro dizia que a função da filosofia era estabelecer uma vida feliz, e a metodologia adotada por ele dava prioridade às discussões e raciocínios. Ensinava ainda sobre o aproveitamento do tempo e das oportunidades. Pois a busca de conhecimentos por meio de curiosidade não é benéfica porque o tempo deveria ser empregado na concentração de alternativas para melhor cuidar da vida e se importar com coisas que resultassem na felicidade, nesse ponto ficariam evidentes o saber filosófico transformado em atos. E uma vida pautada na simplicidade como meios para a obtenção da saúde e coragem diante das adversidades da vida.

Que ninguém hesite em se dedicar à Filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque q ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. (EPICURO, 2002, p. 21).

A reflexão sobre a morte é outro tema preponderante no epicurismo, em linhas gerais para eles ela nada é e nada significa. A morte é abordada nessa carta, com uma visão conformista e fria. Epicuro diz que a morte não é nada, porque tudo que é bom ou mal está nas sensações e a morte é a ausência de sensações. O melhor a ser feito é aceitar a mortalidade (a ideia da imortalidade da alma é refutada no epicurismo), eliminando o desejo de vida eterna. E o medo da morte não é justificável, porque quem morre nada mais sofre, ela não é o mais terrível dos males como se pensa e as pessoas devem parar de fugir. Encarar a realidade dos fatos é ter coragem e paz. A carta versa ainda sobre o futuro e o destino, o primeiro não deve ser motivo de medo, pois é incerto, e não há obrigação de ser esperado com ansia ou desespero.

A morte, portanto, não é nada nem para os vivos nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida (EPICURO, 1973, p.29).

Embora se tenha consciência da transitoriedade da vida, mas se for bem vivida já será motivo de realização pessoal. De que adianta viver longos anos se não se vive bem e nem

feliz? Herdamos essa conscientização dos epicuristas que estão cobertos de razão. Para quem nasce e tempos depois deseja não viver é considerado por Epicuro como tolo. A vida deve ser vivida sem pressa. A imortalidade para eles é um sonho não tem bases reais. Nesse ponto o epicurismo é uma doutrina materialista. Os epicuristas ainda afirmavam que a morte não existe para aqueles que estão vivos, daí eles ensinavam o seguinte: “Acostuma-te a ideia que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e do mal residem nas sensações, e morte é justamente a privação das sensações.” (EPICURO, 1973, p. 27). Muito mais que um problema e uma realidade que infunde medo e pavor, a morte é vista como uma experiência do nada, pois elimina todas as sensações.

De qualquer forma, na reflexão epicurista a morte nunca é tomada como um mal em si mesma, o problema em relação à morte decorre do modo como a interpretamos. Duas atitudes se destacam: alguns a buscam a ilusão de por fim aos seus males, pois acreditam que pondo fim a própria vida terão todos os seus problemas resolvidos; outros fogem dela como se fosse o que de mais terrível possa acontecer ao ser humano. Ela só é um verdadeiro mal para os que se alimentam de inverídicas opiniões sobre ela. Nessa perspectiva deve-se vencer o medo da morte. Não temos nada a lucrar vivendo eternamente, o que deve ser considerado não é o tempo de vida e sim a qualidade de vida, isso é essencial.

Outro tema analisado pelo epicurismo foi o da vida política e os prazeres que ela possa proporcionar. O julgamento dos epicuristas é que os prazeres proporcionados pela vida política não passam de meras ilusões, pois implicam em cargos, honrarias, poder riquezas, bens que se vão com facilidade. Gasta-se muito tempo para adquirir esses bens, e mais tempo ainda para mantê-los. Dessa forma, a vida pública não conduz a plena felicidade, a forma moral ou amoral que se faz política é que determina as vantagens ou desvantagens materiais dos governantes. Aqui fica evidente que a vida política é uma substância não natural, porque comporta dores e perturbações, impedindo a realização da *aponia e ataraxia*, respectivamente ausência de dores corporais e paz de espírito, e desse modo põe em risco a felicidade. A felicidade consiste em bem estar corporal (*aponia*) serenidade do espírito (*ataraxia*). Esses dois requisitos resultam em uma vida feliz. Ao atingir esse estado de bem-estar, unido à tranquilidade, os temores internos são amenizados e sendo preferível ser sábio, pois no contexto epicurista a sabedoria é uma riqueza. A seu ver, é preferível ser desafortunado e sábio, a ser afortunado e tolo; na prática, é melhor que um bom projeto não chegue a bom termo, do que chegue a ter êxito um projeto mal. (EPICURO, 2002, p. 51).

Epicuro cita a importância da autossuficiência e o contentamento, caso surja a desventura de faltar a abundância. E admoesta o que é essencial é fácil de conseguir e muitas coisas difíceis são inúteis se for prestada atenção. Exemplo disso, o mesmo prazer que a degustação de um alimento simples dá, equivale a um mais sofisticado. A dica que é dada sinaliza a aceitar a simplicidade, ter uma vida simples, sem tanta ênfase ao luxo.

Nesse contexto da vida política outro tema importante para o epicurismo é a prudência, definida como o bem supremo e sendo colocada num patamar superior à própria filosofia, porque ela é a concebida como a mãe de todas as virtudes, sem prudência, beleza e justiça não há vida feliz. A felicidade aqui é junção de todas elas. Também é enaltecida a sabedoria, considerada como maior que a posse de fortunas. Pois o desafortunado, sendo sábio estará rico, e saberá conduzir a existência com maestria e equilíbrio. No final da carta que traz todos esses ensinamentos, Epicuro concita a Meneceu refletir sobre estes seus escritos dia e noite, e dessa feita estará livre de perturbações, seja em estado vigília ou torpor, agindo assim ele será um deus perambulando entre mortais, e destacando-se pela escolha pela sabedoria.

O modo como o epicurismo concebeu a vida política, como um entrave para a vida feliz, se traduziu numa postura de comedimento e moderação; nem Epicuro nem os epicuristas participaram efetivamente da vida política, apesar de ser patriota e respeitar os múltiplos deuses gregos. Não se tem notícia que se envolveu em assuntos públicos e não se meteu em revoluções. Vale recordar que Epicuro apontava as seguintes diretrizes para se encaminhar para uma vida feliz: não envolvimento na vida política, uma vida anônima, a prática da filosofia em qualquer idade da vida, e sabedoria no que diz respeito ao uso dos prazeres que devem ser colocados em primeiro plano.

4 CONCLUSÃO

O nosso trabalho focando a filosofia helenística possibilitou acompanhar o desenvolvimento da filosofia antiga na Grécia, no período helenístico entre o término dos séculos (séc. IV a. C a I a. C). Essa etapa histórica testemunha o desabrochar da filosofia com uma plêiade de filósofos, mestres da arte de pensar. Pensadores inovadores, criadores de abordagens ora divergentes, ora concordes em muitos pontos. Surgindo assim as famosas escolas helenísticas, com seus mestres famosos e numerosos discípulos, muitos desconhecidos pelos historiadores e outros que se destacaram como expoentes das escolas que representavam, mesmo sem terem conhecido os fundadores, pois alguns viveram tardiamente, como por exemplo, o poeta romano Lucrécio, ardoroso epicurista do século I a.C. Um testemunho de que os conquistadores romanos conseguiram estabelecer a hegemonia política, mas culturalmente foram dominados pela sabedoria dos gregos.

Dentre os legados transmitidos por esses pensadores destacamos, no âmbito da escola epicurista, os conceitos de *ataraxia*, *aponia*, a busca do prazer (*hedonismo*) como meio de alcançar a felicidade, as teorias do conhecimento (canônica fisiologia e ética). Cada um desses tópicos vivenciados com equilíbrio se transforma em instrumento capaz de propiciar uma vida feliz. As noções de sabedoria, prudência e equilíbrio terão uma ampla duração quando forem assimiladas ao pensamento cristão. Certamente o não temer a morte se constitui uma realidade importante para todas as épocas. Superar o medo da morte foi tomado como um meio importante para se alcançar a felicidade; o cristianismo irá construir uma resposta muito particular para este desafio humano. A meditação sobre os limites da vida política como um fator capaz de gerar a felicidade se traduz em um ensinamento para os nossos tempos conturbados.

O estoicismo, fundado por Zenão de Cício, foi o movimento que mais representou o cosmopolitismo do período helenista, ao preconizar uma vida isenta de paixões legou ao cristianismo às importantes noções de sopro vital (*pneuma*), mundo regido de forma racional por uma Providência. Noções extremamente importantes para teologia da nascente Igreja cristã. O estoicismo contribuirá de modo decisivo com a espiritualidade cristã por meio dos seus exercícios espirituais visando o aperfeiçoamento e autocontrole. A Academia de Platão ao estudar de modo dialético as teorias sobre política, cosmogonia, o mundo das ideias, a ciência como verdadeiro conhecimento, a verdade, plena de luz, encontrarão uma continuidade decisiva na teologia que será sistematizada por Santo Agostinho. O aristotelismo

também tomando como premissa a busca da felicidade, postulando noções como energia e potência, sistematizando uma metafísica, organizando a lógica, e a cosmologia que divide o mundo em supralunar e sublunar terá um papel importante na visão de mundo do homem medieval.

Por fim, o cinismo alegando a impossibilidade da aquisição do conhecimento total, e desprezo pelas convenções sociais, destaque nessa escola para Diógenes, inaugura um tipo de pensamento que ecoa até os dias de hoje, no relativismo e pluralismo do pensamento moderno. O ceticismo, formulado por Pirro, o indiferente, se preocupa com a análise sobre os limites do conhecimento, desenvolvendo uma investigação que procura avaliar se uma teoria é verdadeira ou não.

Enfim, a filosofia helenística é muito rica e diversificada, com alguns conceitos retificados pela ciência moderna e outros atuais e válidos. Cabe, portanto o estudo sistematizado dessas múltiplas doutrinas para uma proveitosa formação filosófica e compreensão dos postulados antigos que ficaram de herança para o mundo contemporâneo e estudos escolares e acadêmicos.

5 REFERÊNCIAS

ABRÃO, Bernadete S. **História da Filosofia**. Ed. Nova Cultural Ltda. São Paulo-SP, 2004.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**. Vol. Único. Ens. Médio. Ed. Saraiva. São Paulo-SP, 2010.

EPICURO- **Antologia de Textos**. (Os Pensadores), Ed. Abril Cultural. São Paulo-SP, 1973.

_____. **Carta sobre a Felicidade**: (a Meneceu). Tradução: Álvaro L. e Enzo Del Carratore. Ed. UNESP, São Paulo-SP, 2002.

HADOT, Pierre. **O que é filosofia antiga?** (Tradução: Dion Davi Macedo). Ed, Loyola, São Paulo-SP, 2004.

JOYAU, E. Epicuro. IN EPICURO. **Antologia de Textos**. (Os Pensadores) Ed. Abril Cultural. São Paulo-SP, 1973.

MORAES, João. Q. de. **Epicuro: as luzes da ética**. Ed, Moderna. São Paulo-SP, 1998.

PLATÃO. **A República**. (Os Pensadores). Tradução: Enrico Corvisieri. Ed. Nova Cultural. São Paulo-SP, 1997.